

## EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DE SEGURANÇA INTERNACIONAL

BUZAN, Barry; HANSEN, Lene. *Evolução dos Estudos de Segurança Internacional*. São Paulo: EDUNESP, 2012. 574p.

Cláudio de Carvalho Silveira\*

Às vésperas da realização do VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED) em São Paulo, no mês de agosto de 2012, tivemos o lançamento do livro de Barry Buzan e Lene Hansen, intitulado *Evolução dos Estudos de Segurança Internacional*. Esta obra foi produzida pela EDUNESP, com a tradução de Flávio Lira, compõe a coleção Paz, Defesa e Segurança Internacional e foi lançado com 574 páginas na sua versão para o português. Não é necessário realçar a importância dos autores vinculados à London School of Economics and Political Science (Buzan) e à Universidade de Copenhague (Hansen), assim como a inserção privilegiada dos mesmos no campo de estudos do qual trata o livro.

Por ora, basta apenas mencionar que eles continuam dando contribuição significativa ao conhecimento da área, não apenas por criar alguma “novidade” teórico-conceitual, mas por buscarem demonstrar um caminho de como o debate acadêmico foi gerado, disseminado e institucionalizado entre os pesquisadores, demais profissionais interessados no tema e o público em geral, através de sua atuação nas diversas instituições sociais.

O livro possui nove capítulos, que vão da tentativa árdua e complexa para definir o que são os Estudos de Segurança Internacional (ESI) até as conclusões possíveis sobre o assunto, dentro de um panorama bastante dinâmico e diverso das análises teóricas e dos fenômenos da política internacional. De início, os autores deixam claro que o livro aborda uma possível trajetória dos ESI e não a única possível. Neste sentido, fica aberta a oportunidade para que outros se aventurem a fazer um percurso e classificação distintos do que eles se propuseram trabalhar até então. Para nós, aqui existe um dado singular e interessante para a comunidade dos analistas latino-americanos e latino-americanistas: deliberadamente,

---

\* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

esses autores enfocaram sua narrativa na produção sobre o dito mundo desenvolvido, em particular os Estados Unidos (EUA) e a Europa. As demais regiões e contextos político-estratégicos não devem ser desconsiderados, mas, foram vistos à luz da problemática analítica e social dos países centrais. Isto não significa dizer que o terceiro mundo não tenha a sua importância em sua capacidade de gerar conhecimento filosófico-científico ou que seus fenômenos políticos, econômicos e culturais não mereçam ser considerados e refletidos. Porém, os autores do livro esperam que tal empreitada seja desempenhada por quem possui mais familiaridade com os países classificados como subdesenvolvidos, periféricos ou emergentes, de acordo com a perspectiva sociológica adotada. Por exemplo, e nossa região, o evento reportado como o mais importante seria a crise dos mísseis de Cuba, por causa das implicações para a disputa Leste X Oeste naquela época. Isto nos prece uma boa provocação para que algum interessado de nossa realidade venha a se entusiasmar e empreender um trabalho semelhante para ser desenvolvido a partir de nossas universidades e instituições de pesquisa. Assim, fica dado o recado e feito o convite caso alguém tenha interesse em atendê-lo e discutir tais afirmações.

Em termos mais substantivos, a obra de Buzan e Hansen parte de questões estruturantes dos ESI, marcadamente estudada por civis e originadas na II Guerra Mundial: a) o privilegiar do Estado como objeto de referência básica; b) as ameaças internas e externas; c) a expansão da segurança para além do aspecto militar e d) a dinâmica das ameaças, perigos e urgência. Aliado a isso existe a discussão sobre o que é central, adjacente e complementar nos estudos de segurança; de igual modo a maneira de estabelecer suas fronteiras teóricas e permaneceram ligados de maneira fundante e complementar à história do ocidente, desde o período medieval até a época contemporânea. Outro enfoque digno de atenção é a construção do modelo interpretativo baseado nas cinco “forças motrizes” enquanto categorias analíticas: a) a política das grandes potências; b) o imperativo tecnológico; c) os eventos; d) a dinâmica interna dos debates acadêmicos e e) a sua institucionalização. Este arcabouço analítico é crucial para entender a moldura utilizada pelos autores para tratar de assuntos que intitulam os capítulos da sua obra: os estudos estratégicos, a dissuasão e a segurança nacional no período da Guerra Fria, as perspectivas epistemológicas dos estudos pós-Guerra Fria, a ampliação e aprofundamento da questão da segurança e, enfim, o tratamento das respostas possíveis aos fatos ocorridos em 11 de setembro nos EUA.

Comentando o prefácio à edição brasileira, Buzan e Hansen lembraram

que houve críticas de alguns pensadores à esquematização das cinco forças motrizes e da falta de associação suficiente entre a esfera pública e a esfera privada na reflexão proposta. Outra crítica foi a ausência de descrição da história e redes pessoais dos autores usados para basear o fundamento da trajetória dos ESI. Eles admitem que seu livro poderia ter sido diferente, mas, esbarraria em questões teóricas difíceis e teriam que contar com um trabalho de pesquisa ainda mais intenso.

Para nós, ainda é importante destacar que o significado de “evolução” no livro não teria a ver com uma cadeia linear e inexorável de assuntos e questões sucessivas, partido de uma consideração simplista para outra superior e bem mais complexa. Tampouco conotaria que os contextos político-estratégicos ao longo da linha do tempo abordada, seriam mais fáceis de serem entendido no passado, ou comportariam um valor heurístico e cronológico inferior ao que vivemos atualmente. Hoje a tônica de muitos pensadores é o privilégio dos “novos temas” criados para além do tradicionalismo, incorporando as narrativas construtivistas, pós-coloniais, feministas, dos estudos críticos de segurança, do pós-estruturalismo, da segurança discursiva e da herança da guerra global contra o terrorismo no pós-11 de setembro. Porém, entendemos que o sentido dado ao emprego do termo “evolução” pelos autores da referida obra, tem a ver com o desdobrar, a (re) apropriação de questões no devir, a ida e vinda dos problemas e controvérsias teóricas e das heranças dos eventos históricos. Isto se dá porque há diferentes perspectivas teóricas e seus embates, que levam ao posicionamento e à eleição de enfoques existentes neste campo pelos analistas que o estudam.

Enfim, o livro se apresenta como uma produção instigante e capaz de suscitar polêmicas importantes, tratados de maneira eclética. Ele se presta a conhecer e aprofundar as situações e as vertentes interpretativas da parte de quem possui a tarefa profissional ou a mera curiosidade em saber sobre os desafios que perpassam nosso mundo no tempo de ontem, de hoje e, talvez, de amanhã.

Recebido em: 01/11/2012

Aceito em: 21/01/2013